



PROMOÇÃO DA SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA NA PERSPECTIVA DO PROGRAMA DRENURBS

FERREIRA, Carla Fernanda Torres;
FERREIRA, Kátia Cristina Faria.

Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH
cftorres@ymail.com; katiacff@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho se orienta a partir das concepções da Geografia da Saúde, pretende-se discutir a relação saúde e ambiente, qualidade de vida e qualidade ambiental a partir do comportamento socioespacial e o estilo de vida. O comportamento socioespacial de um indivíduo é aquilo que este manifesta em seu espaço, ou seja, em seu ambiente, que abrange suas atitudes, (re) ações e interações em face do meio em que vive. O estilo de vida compreende o modo pelo qual o indivíduo ou um grupo vivencia o mundo, seus hábitos e suas escolhas. Realizou-se pesquisa com a comunidade da microbacia do córrego Primeiro de Maio, em que procurou-se conhecer sua percepção e vivências no que diz respeito ao seu estilo de vida, o comportamento socioespacial, a qualidade de vida e outros temas relacionados. Nesta área houve intervenções de revitalização do córrego e seu entorno pelo Programa Drenurbs. A metodologia utilizada foi o grupo focal, que baseia-se na oralidade e tem como resultados dados qualitativos com base na percepção do grupo de participantes. Através da presente pesquisa percebeu-se que a partir de um espaço revitalizado e com o trabalho de Educação Ambiental é possível a transformação no comportamento socioespacial de determinada comunidade, na tentativa de alcançar a qualidade de vida.

Palavras-chave: estilo de vida, comportamento socioespacial, qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a Geografia tem contribuído nas questões da saúde principalmente no que diz respeito à identificação dos fenômenos espaciais. A Geografia da Saúde como um novo paradigma propõe novas contribuições neste campo quanto às diversas dinâmicas deste processo, principalmente no que tange às questões sociambientais. Pode-se considerar que um de seus objetivos compreende o estudo do ambiente para promover a saúde e não apenas a identificação dos processos geradores ou propagadores das doenças.

A importância deste trabalho está em considerar o caráter interdisciplinar e dinâmico deste campo e suas possibilidades através da relação geografia e saúde, ambiente e qualidade de vida, estilo de vida e promoção da saúde, e outras relações. Portanto, destaca-se a necessidade de diálogo entre as diversas áreas do saber, já que a questão da saúde é também uma questão sociopolítica e esta deve ser discutida para além das fronteiras disciplinares.

O presente artigo pretende discutir a relação entre a qualidade de vida e qualidade ambiental a partir do comportamento socioespacial e o estilo de vida. Para tanto, realizou-se pesquisa com a comunidade da microbacia do córrego Primeiro de Maio, em que procurou-se conhecer sua percepção e vivências no que diz respeito ao seu estilo de vida, o comportamento socioespacial, a qualidade de vida e outros temas relacionados. A

metodologia utilizada foi o grupo focal, que baseia-se na oralidade e tem como resultados dados qualitativos com base na percepção do grupo de participantes.

I. Qualidade de vida a partir da relação saúde e ambiente

O tema relativo à influência das condições ambientais na saúde é antigo, seja associando a pobreza às más condições de trabalho, de vida, de nutrição, seja referindo-se à situação da saúde aos fatores ambientais, físicos e sociais. Guimarães (2001) afirma que

as doenças passaram a ser vistas como um mal associado à imundície do ambiente e que poderiam ser eliminadas educando a população pobre para as práticas de higiene, fiscalizando a qualidade dos alimentos, expandindo a rede de água e de esgoto e derrubando as edificações insalubres (GUIMARÃES, 2001, p. 161).

Porém, sua sistematização em termos técnico-científicos foi por muito tempo vaga e imprecisa. Pode-se dizer que este aspecto reflete a forma como este ambiente tem sido visto: muitas vezes considerado como simples cenário dos acontecimentos ou processos de uma determinada doença. A Epidemiologia enquanto disciplina atuou de forma decisiva para a elaboração de questionamentos que relacionassem as questões da saúde às ambientais (TAMBELINI, 1998).

A Geografia também contribuiu para compreensão do processo saúde-doença, a partir de abordagens sistêmicas para o tratamento das questões ambientais de forma complexa e dinâmica. A partir da análise espacial, foi possível obter maior rigor na compreensão quanto à localização e distribuição dos equipamentos de saúde e na compreensão dos diferentes elementos que contribuem para o adoecimento das pessoas. A Geografia da Saúde pretende ir além deste processo de localização, buscando discutir “a promoção da vida do cidadão como um novo paradigma da saúde pública” (GUIMARÃES, 2001, p.157).

Embora na Europa as discussões acerca da relação saúde e ambiente tenham sido referenciadas desde a Revolução Industrial, no Brasil ganham importância a partir da década de 1970, juntamente com as discussões ambientais em vigor na época (MINAYO, 2002). Com o avanço da área de Saúde do Trabalhador, ficou explícita a relação entre as questões ambientais e o sistema de saúde. Paralelo a este avanço verifica-se também o crescimento de organizações da sociedade civil pela preservação do ambiente e a luta por melhores condições de saúde (TAMBELINI, 1998).

Considerando que a promoção da saúde e as medidas preventivas têm sido as principais responsáveis pelo aumento da qualidade de vida, há de se levar em conta, entre estes aspectos, a qualidade ambiental como elemento básico da qualidade de vida de uma população (BUSS, 2000). Vale ressaltar que não necessariamente se considera o determinismo ambiental neste caso, já que pode haver populações que usufruam de uma boa qualidade ambiental e assim mesmo desenvolva comportamentos de riscos que as levem a uma má qualidade de vida.

O “relatório de trabalho” da Organização Mundial da Saúde – OMS/Europa foi o documento pioneiro nesta abordagem. Neste, a promoção da saúde é vista como elemento fundamental na transformação das condições de vida dos menos favorecidos e deve contribuir para a participação dos indivíduos e grupos em processos decisórios relativos às questões da saúde. A abordagem socioambiental define a promoção da saúde como o processo de capacitação de indivíduos para busca de uma melhor qualidade de vida a partir do seu comportamento. Para Carvalho (2004)

Esta categoria constitui um conceito que sintetiza dois elementos-chave para a promoção: a necessidade de mudanças no modo de vida e, também, das condições de vida. Representa, igualmente, uma estratégia de mediação entre as pessoas e o meio ambiente, combinando

escolhas pessoais com responsabilidade social com o objetivo de criar um futuro mais saudável. (CARVALHO, 2001, p. 671)

Propostas como a Agenda 21 e outras são ações e estratégias que visam integrar a qualidade de vida à promoção da saúde. Esta representa uma estratégia para enfrentar os problemas de saúde que afetam as populações humanas. Propõe o diálogo entre os diversos saberes e os saberes populares, e a mobilização de recursos em níveis institucionais e comunitários, públicos e privados.

O termo promoção da saúde, entre as diversas concepções, possui caráter progressista. Se refere a valores como qualidade de vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e parceria, entre outros. Suas ações atuam no sentido de favorecer o desenvolvimento de conhecimentos e comportamentos que dizem respeito ao cuidado da saúde e controle sobre as condições de vida e ambientais, em níveis individuais e coletivos. Este enfoque preconiza a ação e a participação comunitária em ampliar as atitudes pessoais e a capacidade da comunidade de melhorar as condições físicas e psicossociais em seus espaços de vivência (BUSS, 2000).

Desta forma, para que não se desvincule a promoção da saúde à qualidade de vida e/ou ambiental é necessário a integração dos diversos atores a partir de iniciativas públicas, privadas, coletivas e individuais em busca de um bem comum.

A melhoria na qualidade de vida com base num ambiente saudável pressupõe uma mudança no estilo de vida de cada um, que pode refletir no comportamento socioespacial de uma determinada comunidade.

Ainda assim, vale destacar que estas discussões estiveram presentes nos âmbitos do saneamento básico de forma desconectada das questões saúde e ambiente. Até então as políticas públicas não contemplavam este foco. No caso do município de Belo Horizonte foi constituído o Programa de Recuperação Ambiental de Belo Horizonte (Drenurbs), que prioriza a criação de um ambiente saudável e a promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida da população.

Este programa se dá a partir da revitalização dos cursos d'água em leito natural contemplando a recuperação de parte da vida aquática, das nascentes, da vegetação ciliar, além do trabalho desenvolvido com a comunidade visando a mobilização social e a Educação Ambiental.

Tudo isso faz parte da Geografia da Saúde enquanto novo paradigma de discussões da relação saúde e ambiente. De acordo com Kearns (1993,1997) citado por Guimarães (2001), esta ciência tem se tornado uma ferramenta de "investigação das relações entre as teorias a respeito da cultura e das etnias e a questão do gênero e saúde, envolvendo a compreensão da interação entre a percepção das pessoas e as diversas dimensões da existência (emoções, sentimentos)" (KEARNS, 1993, 1997, apud GUIMARÃES, 2001, p. 162).

Portanto, pode-se dizer que a Geografia da Saúde deixa de ser apenas uma questão médica e assume um caráter sociopolítico, em que todos os atores sociais estão envolvidos no processo. Assim, enfatiza a qualidade ambiental como pressuposto para a promoção da saúde e qualidade de vida. (GUIMARÃES, 2001)

II. As abordagens dos conceitos de estilo de vida, risco, comportamento de risco

Com o avanço do processo de desenvolvimento industrial, as cidades se tornam cada vez mais por excelência produtoras de novas formas de sociabilidade e interação social. Esse processo se deve às inovações econômicas e tecnológicas provenientes do capitalismo. Esses fatos, de certa forma, vêm alterando modos de vida tradicional assim como a relação entre cidade e campo, que interferem nas estruturas sociais como no ambiente natural.

Os paradigmas existentes em uma sociedade em determinado momento histórico refletem no estilo de vida de uma comunidade e em seus valores, bem como nas formas que se desencadearão suas relações com a natureza. Nesse sentido, o estilo de vida pode ser compreendido como “a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivencia o mundo e, em conseqüência, se comportam e fazem escolhas” (AMARAL, 1992, p. 35). Para a mesma autora, refere-se ao distanciamento das necessidades básicas dos indivíduos ou grupos. Este distanciamento orienta e organiza as práticas mais diversas, desde a escolha de uma roupa, uma bebida, até a decoração da casa, a religião a que se adere ou as opções de lazer.

Partindo de um ponto de vista sistêmico, estilo de vida pode ser “um conceito que encontra-se uma estrutura social que está definido, entre outros aspectos, um conjunto de valores (normas, atitudes, hábitos de uso, condutas separadas)” (MOORE, 1994, apud CORRALIZA; MARTÍN, 2000, p. 33). Afirma também que os valores são considerados como uma primeira expressão da cultura e da conduta individual. A partir desta ótica considera que o estilo de vida pode ser fragmentado dentro de uma mesma comunidade, mesmo com características sociais homogêneas.

O estilo de vida moderno é um estilo de/em crise da cultura moderna, em que a dinâmica econômica e o estilo de vida são instrumentos desencadeadores deste processo. Neste sentido, a crise tem contribuído para um estilo de vida individualista, o que leva à uma cultura de vazios e contradições. Conforme corrobora Hissa (2002) “a partir da crise a vida moderna passa a possuir diversos riscos no que se refere à qualidade de vida do indivíduo” (HISSA, 2002, p.6).

As instituições sociais possuem papel fundamental no processo de reforçar a importância de uma sociedade sustentável a partir do exercício da cidadania ativa e de mudanças de valores individuais e coletivos. Através de práticas centradas na Educação Ambiental – educação para cidadania – permite-se garantir os meios de recriar estilos de vida pautados na sustentabilidade e em questionamentos ao atual modo de vida da cultura moderna, que reforça as desigualdades socioambientais. Assim, é possível que cada cidadão seja ator corresponsável pela defesa da qualidade de vida.

Considerando que o comportamento abrange as atitudes, (re) ações e interações dos indivíduos em face do meio social, o comportamento socioespacial de um indivíduo é aquilo que este manifesta em seu espaço, ou seja, em seu ambiente. Desta maneira, os indivíduos em particular ou em determinada comunidade pode apresentar diversos tipos de comportamentos sejam eles ecológicos ou antiecológicos, ecocêntricos ou antropocêntricos. Os primeiros referem-se à visão sistêmica, que considera o indivíduo como parte integrante do ambiente e os últimos percebem o ambiente de forma utilitarista e instrumental. (PATO, 2005). Assim, pode-se considerar o comportamento antropocêntrico como comportamento de risco socioespacial. Este comportamento se dá em nível individual ou coletivo.

O conceito de risco é usado por diversas áreas da ciência e possui várias aplicações. Entretanto, este conceito traçado por diferentes profissionais gira em torno da previsibilidade do potencial de perdas e danos. Porém, é mais difícil obter uma definição do que é risco da população “leiga”. O risco para este grupo é freqüentemente associado à idéia de perigo, e sua concepção varia de acordo com as perdas e/ou danos por considerados relevantes.

A percepção de risco é baseada em imagens e crenças. Em menor escala pode estar associada às experiências anteriores do indivíduo. As pessoas incorporam a idéia de risco em seu dia-a-dia ora acatando, ora rejeitando a idéia, se expondo aos mais variados riscos. Portanto, estas concepções refletem no comportamento social. Pode-se citar uma pessoa que já teve caso de dengue entre seus familiares, que irá se preocupar em eliminar os focos do mosquito transmissor em sua residência, podendo inclusive mobilizar sua vizinhança neste sentido.

Sendo assim, comportamentos que para uns podem ser considerados de risco, para outros podem não ser. Isto ocorre devido a própria concepção de risco de cada indivíduo. Ou seja, as pessoas possuem diferentes percepções de um mesmo risco a que possam estar expostas. Daí Peres (2002) acredita que a dimensão social constitui um dos principais determinantes das atitudes/respostas de um indivíduo ou grupo frente aos riscos a que estão expostos (PERES, 2002).

Quando os riscos não são vistos em seus aspectos ambientais, como degradação dos cursos d'água, deposição inadequada de resíduos, e outros, seu gerenciamento é muitas vezes apresentado como algo ligado à esfera privada. Assim, enfatiza-se a responsabilidade do indivíduo colocada em termos de escolhas comportamentais, sob a rubrica "estilo de vida". As propostas educacionais de um modo geral buscam atingir mudanças nesta dimensão. A partir de tal ótica, interessam o estilo de vida de cada um, aquelas "escolhas" e comportamentos com repercussões no campo da cultura de consumo: o corpo, as roupas, o carro, a opção de moradia, etc.

Entretanto, não se pode inferir que os estilos de vida de cada um sejam resultado apenas de suas escolhas, não levando em consideração as (im) possibilidades de aquisição de bens ou acesso às informações. Portanto, por motivos diversos, pessoas podem se expor a riscos de forma involuntária ou voluntária (CASTIEL, 2002). Pode-se dizer que os modos de viver da sociedade moderna provocaram descontinuidades na ordem social, ora através dos sistemas globais, ora interferindo em nossas experiências pessoais.

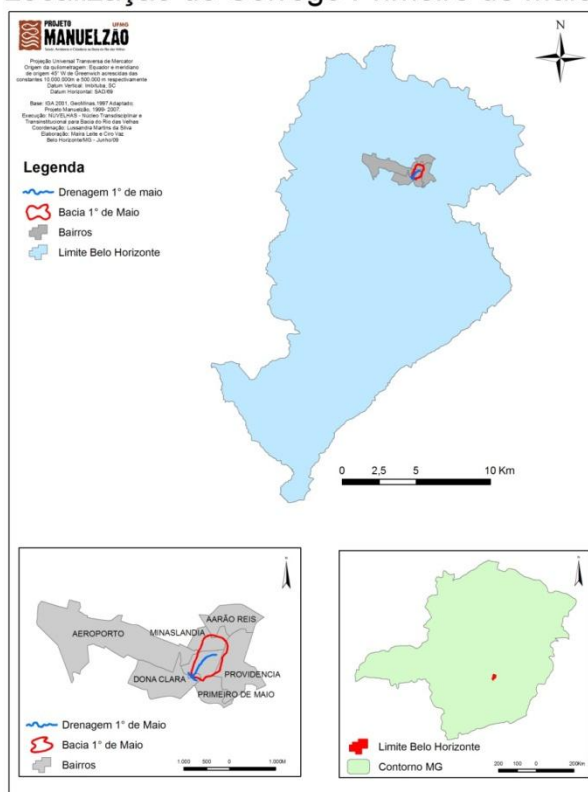
III. As intervenções do Programa Drenurbs na microbacia do córrego Primeiro de Maio

O Programa Drenurbs visa à revitalização de córregos em leito natural em áreas urbanas, abandonando as concepções sanitárias de canalizações. Portanto, busca o retorno do córrego limpo como parte do contexto na paisagem urbana transformando estes espaços.

Inicialmente, suas ações foram concluídas até o ano de 2008 em três sub-bacias do Ribeirão da Onça: córrego Nossa Senhora da Piedade, Baleares e Primeiro de Maio tendo continuidade em outras bacias do município nos próximos anos. Para o presente trabalho foi escolhida a microbacia do córrego Primeiro de Maio devido às suas características gerais e da comunidade. Estas características estão relacionadas ao histórico de reivindicações, por ser uma comunidade atuante e articulada entre si. Uma dessas reivindicações diz respeito à revitalização do córrego Primeiro de Maio e seu entorno.

A microbacia do córrego Primeiro de Maio localiza-se na região Norte do município de Belo Horizonte, conforme mapa 1. Possui a maior parte de sua superfície nos bairros Minaslândia e Primeiro de Maio. Sua nascente está situada nas proximidades do bairro Minaslândia, em área pouco habitada, porém, sofria processos de degradação resultantes de deposição de resíduos sólidos, entulhos, dos lançamentos de esgoto e da ocupação inadequada. Essa situação era encontrada em toda a extensão do curso d'água.

Localização do Córrego Primeiro de Maio



Mapa 1- Localização do córrego Primeiro de Maio
Fonte: Projeto Manuelzão, 2009

Diante deste quadro, o Programa Drenurbs atuou de forma a contribuir na transformação das condições de vida dessa população. Entre as intervenções do programa, estava a atuação dos órgãos públicos responsáveis, das equipes de Mobilização e Comunicação Social - MOC e de Educação Ambiental – EDA. Esta buscou sistematizar conceitos através de atividades com diversos públicos da comunidade na expectativa de desenvolver e conscientizar quanto à questão ambiental e mudanças para com o ambiente transformado. A partir destas mudanças esperava-se ampliar a qualidade de vida e promover a saúde.

Como resultado dessas intervenções revitalizou-se o espaço com a criação de um parque linear, denominado Parque do Córrego Primeiro de Maio, que pode ser considerado um instrumento de uso e ocupação sustentáveis das áreas de fundo de vale urbanas, nos aspectos ambientais, econômicos e socioculturais. Este espaço tem como objetivo principal garantir a qualidade ambiental e propiciar a melhoria da qualidade de vida da comunidade.



Foto 1 - Parque do Córrego Primeiro de Maio

Fonte: FUNDEP – Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa, 2008

Para a apropriação deste espaço pela comunidade fez-se necessário que a Equipe de Educação Ambiental desenvolvesse trabalhos relacionados com os temas socioambientais patrimoniais. Para multiplicação dos conceitos trabalhados pela Educação Ambiental, constituiu-se a comissão local para que representasse a comunidade, denominada Comissão Drenurbs. Esta comissão recebeu cursos de capacitação para que exercesse papel ativo no processo de envolvimento da comunidade nas ações de Educação Ambiental e na gestão das áreas revitalizadas.

Desta forma, foi realizada a pesquisa com este grupo específico para conhecer/identificar as possíveis mudanças no comportamento, no estilo de vida e na qualidade de vida dessa comunidade após o espaço revitalizado pelo Programa Drenurbs.

O viés pelo qual se deu a pesquisa foi a partir da percepção e experiências vividas desse grupo com relação aos temas propostos e com relação ao comportamento da comunidade em geral.

Assim, a percepção é uma experiência que possui significação a partir da vivência e história de vida do indivíduo para compreender a maneira como se sentem em relação ao lugar e sua visão quanto ao ambiente vivido (PÁDUA, 2007). É importante ressaltar que a percepção não é pura, portanto, possui um caráter de parcialidade, já que os processos de “sensoriar, pensar, sentir e acreditar são processos simultâneos, interdependentes” (LOWENTHAL, 1982, p.120 apud PÁDUA, 2007 p. 32).

A metodologia utilizada nesta pesquisa foi o grupo focal, sendo uma ferramenta que pode ser utilizada de diversas maneiras, possibilitando a aquisição de informações implícitas no nível subjetivo. Sua aplicabilidade “requer uma técnica para se buscar informações essencialmente qualitativas que transcendam à captação de dados via ‘instrumentos positivistas consagrados’” (BEDIM, 2006, p. 6).

O grupo focal é uma metodologia participativa com base na oralidade com o objetivo de aprofundar o conhecimento da realidade local. É um instrumento de registro que pode conter as mais variadas percepções e anseios de determinado grupo, que permite analisar aspectos da vida social e da cultura local a partir de fatos cotidianos, através de depoimentos e relatos. Esta pesquisa, por ser essencialmente qualitativa, ocorre *in locus* e se restringe ao um número limitado de pessoas.

Ainda de acordo com Bedim (2006), o papel do pesquisador é buscar as relações sociais do fato narrado, refletindo sobre quem diz, porque diz ou deixa de dizer e porque se diz do jeito que diz, portanto ultrapassa a interpretação do que é relatado. É ele quem delimita os temas a serem abordados. Entretanto, ao elaborar as perguntas deve-se ater a uma linguagem acessível sem, no entanto, simplificar de forma a subjugar a capacidade intelectual dos entrevistados. As perguntas devem ser abertas, obedecendo à determinada temática conforme as diretrizes do roteiro pré-elaborado.

As principais perguntas elaboradas de acordo com os temas abordados no grupo focal foram:

Estilo de Vida

- 1 O que o grupo considera estilo de vida?
- 2 O que o grupo considera estilo de vida moderno?
- 3 Qual é o estilo de vida da comunidade? Por quê?

Comportamento de risco socioespacial

- 1 Que tipo de comportamento era observado na comunidade antes das intervenções do Programa Drenurbs?
- 2 Quais comportamentos deixaram de existir após as intervenções? Que mudanças ocorreram?
- 3 Caso tenham ocorrido mudanças, em que o trabalho de Educação Ambiental contribuiu?

Qualidade de Vida

- 1 Qual é a relação entre promoção da saúde e qualidade ambiental? E qual é a relação destes com a qualidade de vida?
- 2 O que tem ocorrido para a promoção da saúde e qualidade de vida com a criação do novo espaço na comunidade?
- 3 Qual é a importância na mudança de comportamento para ampliação da qualidade de vida em termos individuais e coletivos?

As principais colocações do grupo foram, conforme cada um dos temas propostos:

Estilo de vida

Quanto ao estilo de vida as principais colocações do grupo giraram em torno de hábitos diários, cultura, costumes, linguagens dos sujeitos, conforme corrobora Moore (1994) quando diz que estilo de vida é um conjunto de valores que incluem normas, atitudes, hábitos de uso e condutas diversas. Também foram questionados sobre o que seria o estilo de vida moderno. Explicitaram que o estilo de vida moderno desconsidera e / ou desvaloriza

os conhecimentos tradicionais e que as condições financeiras, ou seja, o fator econômico influencia diretamente o estilo de vida de uma comunidade.

Destacaram ainda que o consumismo desenfreado, o capitalismo selvagem e o individualismo, como características do estilo de vida moderno. Entretanto, foi enfatizado que a utilização do moderno com sabedoria pode trazer benefícios. Isso pode ser explicado em Hissa (2002) ao dizer que o estilo de vida é um estilo de/em crise da cultura moderna, em que a dinâmica econômica e o estilo de vida são instrumentos desencadeadores deste processo.

Diante destas colocações foi perguntado ao grupo qual o estilo de vida da comunidade. Suas respostas se basearam nas mudanças de hábitos perante o espaço revitalizado. Consideraram que após este processo de revitalização a comunidade passou a ter um estilo de vida mais participativo e comunitário. Acreditam que se tornaram cidadãos mais críticos, criando o próprio modo de reivindicação de seus direitos. Assim, através das práticas centradas numa prática educacional voltada para cidadania é possível garantir os meios de recriar estilos de vida pautados na sustentabilidade e em questionamentos ao atual modo de vida da cultura moderna.

Qualidade de vida

Sobre a qualidade de vida, o espaço revitalizado ganhou destaque nas considerações dos participantes. Desta forma, foi enfatizada a utilização deste espaço na melhoria da qualidade de vida, já que o local dispõe de espaços para a prática de esportes, para a convivência, para eventos comunitários e utilização de atividades pelas escolas.

Morar em local que disponha de áreas verdes, de córrego, nascentes, etc. propiciam qualidade de vida de acordo com os participantes. Entretanto, o projeto de implantação de um parque na região trouxe desconfiança da comunidade, que num primeiro momento se perguntava se aquele não iria se tornar um lugar ocioso, não acreditando que poderia contribuir para a qualidade de vida.

Sobre a relação qualidade de vida e promoção da saúde, destacou-se que muitas doenças são adquiridas em razão de comportamentos e hábitos, e um ambiente saudável (sem lixo, sem esgoto, sem insetos nocivos, umidade do ar adequada) propicia saúde. Para atingir a qualidade de vida e a promoção da saúde primeiramente é necessário que haja uma mudança da consciência individual para atingir o coletivo, e assim contribuir para formação das gerações futuras.

Posto isso, a melhoria na qualidade de vida com base num ambiente saudável pressupõe uma mudança no estilo de vida de cada um, que conseqüentemente reflete no comportamento socioespacial de uma determinada comunidade.

Comportamento de risco socioespacial

Em concordância com o texto, o comportamento socioespacial de risco é aquele que o indivíduo percebe o ambiente de forma utilitarista e instrumental, o grupo destacou que:

Em relação ao comportamento de risco socioespacial, o grupo considerou como o comportamento do sujeito que pode gerar um risco para o ambiente e para ele mesmo. O comportamento de risco gera problemas para sociedade como enchentes, foco para animais e insetos nocivos; a não preservação dos bens públicos leva à falta de locais de convivência.

Os principais comportamentos de risco socioespacial existentes na comunidade antes da revitalização do espaço eram o lançamento de efluentes domésticos e resíduos sólidos nos

cursos d'água, ocupação inadequada às margens do córrego, desrespeito à natureza e aos bens públicos.

Após a revitalização do espaço ainda existem comportamentos de risco socioespacial na comunidade, porém em menor escala, sendo que praticamente não há mais lançamento de efluentes domésticos e resíduos sólidos nos cursos d'água. Apesar de ainda existir o desrespeito à natureza e aos bens públicos, a comunidade em geral tem apropriado do espaço de forma participativa. Ainda segundo o grupo a mudança de comportamento leva muito tempo, pois, interfere no estilo de vida do sujeito e em seus valores.

A mudança de comportamento do indivíduo ocorre a partir de sua consciência como ator corresponsável pela defesa da qualidade de vida. A Educação Ambiental permite os meios de recriar estilos de vida pautados na sustentabilidade a partir do exercício da cidadania ativa e de mudanças de valores individuais e coletivos.

Contribuição do trabalho de Educação Ambiental para as mudanças de comportamento

Os participantes da pesquisa acreditam que o trabalho da Educação Ambiental contribuiu no sentido de divulgar, incentivar e despertar na comunidade uma consciência ambiental de modo a contribuir para a qualidade de vida da comunidade.

O trabalho desenvolvido através da Educação Ambiental colaborou na potencialização da Comissão para a multiplicação das questões discutidas não somente da revitalização do córrego, como outros assuntos de interesse desta comunidade. Portanto, a Comissão acredita que é necessário educar a sociedade para a mudança de comportamento. Esta idéia pode ser explicada em Bus (2000), a ação e a participação comunitária permitem a ampliação de atitudes pessoais e a capacidade da comunidade de melhorar as condições físicas e psicossociais em seus espaços de vivência (BUS, 2000).

IV. Considerações

As novas discussões da Geografia da Saúde baseiam-se na relação saúde e ambiente. Sendo assim, tem contribuído para além das distribuições espaciais das doenças e epidemias. Outra contribuição da Geografia diz respeito à sua compreensão do lugar, sendo este uma categoria de análise das relações – afetivas e simbólicas do indivíduo com o ambiente vivido e experienciado. Alguma das vertentes a serem seguidas por esta área está na investigação das dinâmicas urbanas, na compreensão da geografia das redes, na realização da Educação Ambiental junto às comunidades e outras vertentes de fronteiras maleáveis.

Através da presente pesquisa percebeu-se que a partir da implantação de um espaço revitalizado houve uma melhoria na qualidade de vida, o que contribuiu para mudança de comportamento, sendo que até certa medida o estilo de vida da comunidade foi afetado. Através dos resultados do trabalho de Educação Ambiental observa-se a possibilidade de transformação do comportamento socioespacial de determinada comunidade.

À medida que o comportamento socioespacial de risco sofre alterações a qualidade de vida tem melhorias. Assim, cria-se um ciclo, em que a promoção da saúde tem como interface a qualidade de vida, podendo recriar estilos de vida. Isso pode ser indicado por meio das falas dos participantes do grupo focal, considerando que estes são os membros da Comissão Local. Vale ressaltar que os dados desta pesquisa revelam a percepção deste grupo específico a partir de suas experiências vividas. A Comissão participou dos trabalhos desenvolvidos pela equipe de Educação Ambiental do Programa Drenurbs através de sensibilização por atividades e cursos de capacitação. Além disso, esse grupo é ativo na comunidade, constituindo referencial para a mesma. Portanto, seus membros conhecem suas questões e por isso devem ser os principais agentes multiplicadores. Entende-se, desta forma, que a Educação Ambiental como ferramenta de mudanças deve ser estendida às mais variadas escalas.

Torna-se importante destacar que mudanças no estilo de vida e no comportamento socioespacial são complexas, já que afetam diretamente os âmbitos culturais, os hábitos e a própria visão de mundo, criados ao longo de processos históricos. Sobre as mudanças vale

destacar ainda que, não é possível que sejam impostas pelo poder público ou por outro grupo, elas devem ser constituídas a partir de processos conjuntos e participativos. Portanto, estas novas concepções que consideram o ambiente no processo saúde-doença estão voltadas para o compromisso da ciência com as questões socioambientais norteadas pelos fatores promoção da saúde, qualidade de vida, relação homem e ambiente.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia. Povo-de-santo, povo de festa. Estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BEDIM, Bruno P. Memórias do Campo: Considerações metodológicas sobre o uso da história oral em estudos rurais. **XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária: Perspectivas Teórico-Methodológicas da Geografia Agrária**, v.1, p. 1-16, 2006.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da Saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n.1, p.163-178, 2000.

CARVALHO, Sérgio Resende. As contradições da promoção à saúde em relação à produção de sujeitos e a mudança social. **Ciência saúde coletiva**. v.9, n.3, p. 699-678, 2004.

CASTIEL, Luis David. **Lidando com o risco na era midiática**. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p 113-134.

CORRALIZA, José Antonio; MARTÍN, Rocío. Estilos de vida, actitudes y comportamientos ambientales. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, v.1, n. 1, p. 31-56, 2000.

GUIMARÃES, Raul Borges. Saúde urbana: velho tema, novas questões. **Terra Livre**, n.17, p. 155-170, 2001.

HISSA, Cássio Viana Eduardo. **O ambiente e a reconstrução dos saberes**. In: FERREIRA, Yoshiya Nakagawara; MENDONÇA, Francisco de Assis. (Org.). Construção do saber urbano ambiental: a caminho da transdisciplinaridade. Londrina: Humanidades, 2002, p. 52-71. (adaptação do livro)

MINAYO. Maria Cecília de Souza. **Enfoque Ecosistêmico de Saúde e Qualidade de Vida**. In: Maria Cecília de Souza (org.). Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p 173-190.

PATO, Cláudia. Comportamento ecológico: chave para compreensão e resolução da degradação ambiental? **Democracia viva**, v. 1, n. 27, p. 103–107, 2005.

PERES, Frederico. **Onde mora o perigo? Percepção de riscos, ambiente e saúde**. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002, p 135-141.

TAMBELINI, Anamaria Testa; CÂMARA, Volney de Magalhães. A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.3, n.2, p.47-59, 1998